

4
ANO 2
NÚMERO 4
1996
JANEIRO/JUNHO
REVISTA
TEMÁTICA

ISSN 0104-7183

Horizontes Antropológicos

COMIDA

UFRGS
Biblioteca Setorial de Ciências Sociais e Humanidades

NÚMERO ORGANIZADO POR
Maria Eunice Maciel
Sérgio Alves Teixeira

PUBLICAÇÃO DO PROGRAMA
DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL
DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, Ano 2, n. 4, p. 1-160 jan./jun. 1996

permanecem; mesmo a criança sendo transferida para uma outra casa e uma outra família, não havendo entre doadora e receptora um vínculo utilitário que estaria presente quando se doa um filho para uma família rica.

Além de comparar o sistema de adoção brasileiro com o de outros países, traçando relações e especificidades, a autora analisa a adoção através da FEBEM, instituição que lida com o sistema legal de adoção, mostrando como tal sistema — que supõe a negação dos laços consangüíneos em benefício da família que adota — é completamente oposto ao sistema de circulação de crianças das classes populares. Essa oposição tem causado desentendimentos e conflitos entre técnicos destas instituições que “cumprem a lei” e mães que deixam seus filhos na instituição, pensando-a e usando-a como internato. No entanto, pelo Estatuto da Criança e do Adolescente, crianças e adolescentes devem ser abrigados temporariamente. Como a lógica familiar, baseada na consangüinidade mais ampla e não restrita à família conjugal, faz parte da maioria das mulheres que procuram a FEBEM, a adoção que muitas vezes lhes é imposta (na medida em que tais mulheres possam ser consideradas não aptas a fornecer a seus filhos, casa, saúde, educação e alimentação) vai totalmente contra o sistema de circulação de crianças que conhecem.

Ao desvendar esse importante aspecto da cultura familiar específica das classes populares, o livro de Cláudia Fonseca traz uma contribuição fundamental para o estudo da família no Brasil.

RIVIÈRE, Claude. *Les rites profanes*. Paris, Presses Universitaires de France, 1995, 261 p.

Sérgio Alves Teixeira

Professor do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social Universidade Federal do Rio Grande do Sul - Brasil

Menos pelo fato de Rivière voltar novamente suas atenções para os rituais seculares mas, sobretudo, pela erudição abrangente, pela multiplicidade das manifestações rituais trazidas à cena e profundidade com que são consideradas, sem prejuízo da competência didática, este livro reforça a propriedade da associação do autor com “toda ritologia futura”, feita por Roberto Da Matta, na apresentação da edição brasileira de seu primeiro livro dedicado ao assunto, *As liturgias políticas* (Rio, Imago, 1989).

A competência didática é dada pela clareza e coerência na exposição de fatos e idéias, juntamente com o plano geral do trabalho.

O trabalho, esquematicamente, compõe-se de três partes: introdução, dez capítulos e conclusões. Consideradas internamente, vê-se que a introdução e cada um dos capítulos são subdivididos de modo pertinente, com os últimos apresentando uma subdivisão para conclusões. Como tudo é tratado de maneira conseqüente e, em muitas oportunidades, em linguagem quase literária, sua leitura é a um só tempo ilustrativa e agradável.

Também é importante registrar que sendo os dois primeiros capítulos teóricos e os oito restantes independentes entre si, realizada a leitura daqueles é possível a leitura isolada e inteligível de cada um destes.

Concluindo a apresentação dos aspectos mais formais do trabalho cabe mostrar os temas de cada capítulo.

O primeiro capítulo apresenta uma abrangente análise crítica das literaturas sociológica e antropológica sobre os ritos profanos e o segundo as concepções do autor sobre estrutura, função e dinâmica dos mesmos.

Os capítulos 3, 4 e 5 consideram o papel dos ritos na formação dos jovens (iniciações, apresentações musicais, vestuário, gestualidade, acrobacias). Os capítulos 6, 7, e 8 enfocam o corpo como suporte e objeto de ritos em sua apresentação regrada (saudações, boas maneiras, danças, esportes, cerimonial na alimentação). Os capítulos 9 e 10 tratam, respectivamente, de rituais associados aos universos do trabalho (aprendizagem, cultura empresarial) e do lazer (loterias, viagens, teatro). Ocupando-se com tais temas *Les rites profanes* também dá valiosíssima contribuição para a antropologia do cotidiano.

A abordagem em cada capítulo de uma multiplicidade de eventos rituais que por si só atenderia a um dos mais fundamentais princípios da antropologia, qual seja o da comparação, como condição básica para não se cometer o erro de generalizar o particular ou de particularizar o geral, em *Les rites profanes* a comparação se dá duplamente. Nele considera-se não só eventos rituais distintos como suas manifestações em contextos sócio-culturais igualmente diversificados. Dentre muitos outros, dados do Brasil, dos Estados Unidos, da França, do Tchad, do Togo, muitos levantados diretamente por Rivière, em especial na África, são objetos de arguta análise que inspiram suas teorizações, presente em todo o livro. Inclusive na introdução, onde, mais do que tratar de questões formais, como é prática comum, ele apresenta considerações teóricas sobre questões relevantes como sagrado/profano, ritualização/desritualização e sagrado/modernidade.

Encerrando, julgo da maior conveniência, para melhor situar o leitor quanto às concepções básicas de Rivière sobre a estrutura, função e dinâmica dos ritos profanos, transcrever todas suas conclusões a respeito, com as quais encerra o capítulo 2.

“A propósito do rito, acreditar em quê? Suponhamos que o pequeno catecismo que se

segue ajude a responder.

1. Metodologicamente, todo o rito, seja profano, seja religioso, pode ser percebido como estrutura de ações seqüenciais, de papéis teatralizados, de valores e finalidades, de meios reais e simbólicos, de comunicações por sistema codificado.

2. Se ele torna visível uma certa ordem e relações sociais, o rito favorece sua renovação tanto quanto sua manutenção, por ser fator de integração identitária, ao mesmo tempo que sublimação de pulsões e ato de instauração de novos laços sociais.

3. Centrado num presente a ser vivido agradavelmente senão intensamente, o rito profano só capta o passado como tradição respeitável e não como arquétipo do futuro. Recorrente, logo legitimador de um passado cultural e pontuação do presente, ele traz também um projeto de dinamização pessoal e social.

4. Não há rito sem negociação com algum Outro, seja presente, seja imaginado, do qual o sujeito parece interdependente em uma situação de controle (relativo) pelos parceiros dos mesmos códigos conhecidos e aceitos para regulamentar o contato. O rito enuncia a ordem da cultura estruturando a experiência individual mesmo no caso de aparente subversão.

5. Exercício de comunicação segundo uma retórica definida, o rito, enquanto linguagem, tem funções denotativa, expressiva, conotativa, fática, estética, metalingüística e posicional.

6. À falta de ser em todos os casos uma liturgia de "seguro compreensivo", o rito profano, em uma situação de conflito, tende a dar segurança aos participantes na medida em que as eventuais hostilidades são afastadas por um acordo tácito quanto às regras de confrontação a serem respeitadas.

7. Ele traz em si uma energética: aquela da realização de seus fins, tanto quanto a da satisfação de desejos inconscientes, mas sua dinâmica se exprime sobretudo na catalisação das energias individuais em proveito da comunidade mais ou menos restrita na qual ele se exprime. Nisto ele é inequivocador.

8. Não obstante, contra-estruturas e contra-poderes o ameaçam de desregulação, de derrapagem, de improvisações às vezes incontroláveis a tal ponto que a perturbação e os transbordamentos repercutem quanto aos efeitos esperados.

9. Todo fenômeno ritual é vivificado por uma carga tripla: a carga cognitiva de recepção de mensagens através de significantes remetidos a significados, a carga afetiva ligada à implicação emocional na participação, a carga conotativa de orientação da ação por manipulação psicológica, adesão revigorada, evolução do processo de negociação, etc.

10. É possível depreender uma lógica do rito? Tudo depende dos critérios utilizados. Existe sobretudo sob o ângulo social uma tipologia de situações; sob o ângulo formal, graus de tensão entre limites e plasticidade, entre realidade e ficção; sob o ângulo da coerência, contradições, ambivalências, intervalos e paradoxos; sob o ângulo lúdico, jogos regulados, jogo de representações e incerteza, às vezes no decorrer do rito, às vezes nos seus resultados.

11. 'Os gregos acreditavam em seus mitos' (religiosos)?>> Os europeus acreditam nos seus ritos (profanos)? Mais ou menos. Certamente a gente se envolve. Verdaderamente, a gente se engaja? Uma grande lição da modernidade é a da distância crítica. Eu brinco de crer que você me acredita praticando meu rito de escritura. E se você está neste fim de capítulo, sem dúvida você acredita um pouco no que eu digo, praticando seu rito de leitura incluído nos ritos de lazer. Modo de se confortar mutuamente dando-se a impressão de uma ação não totalmente inútil!

Complementando, saúdo e divulgo com satisfação a edição brasileira deste livro, sob o título de *Os ritos profanos*, pela Editora Vozes, prevista para outubro de 1996.

FERRETTI, Mundicarmo, *Terra de caboclo*. São Luís: SECMA, 1994, 148 p.

Airton Luiz Jungblut
Mestre e Doutorando em Antropologia Social
Universidade Federal do Rio Grande do Sul - Brasil

A antropóloga Mundicarmo Ferretti no livro *Terra de caboclo* traz a público fatos de grande interesse para os pesquisadores das religiões afro-brasileiras. Consegue esta autora nos mostrar um quadro bem amplo e complexo das particularidades, das transformações e dos dilemas por que passam as casas de religião afro-brasileiras do Maranhão, particularmente as que são genericamente conhecidas como pertencentes à linha "Tambor de Mina". Nesta tarefa, Ferretti dedica uma especial atenção ao "caboclo", um tipo de entidade espiritual ainda pouco conhecida pelos pesquisadores, e que, de certa forma, ocupa em alguns momentos a centralidade das questões referentes às particularidades da religião afro-brasileira no Maranhão.

O livro é, na verdade, uma compilação de textos produzidos pela autora entre 1986 e 1994 e apresentados em vários simpósios e congressos científicos. Neles se destacam, além dos resultados propriamente ditos das pesquisas de Ferretti, algumas reflexões mais gerais relacionadas às teorias da cultura e que dão o tom dos posicionamentos, em alguns casos assumidamente políticos, da autora.

É fazendo estes tipos de reflexões que Ferretti, no primeiro capítulo, faz um levantamento das diversas formas como a cultura dominante, mesmo demonstrando preconceitos contra a cultura popular, interfere interesseiramente na produção, na manutenção e na manifestação das tradições culturais do povo. A autora denuncia, entre outras coisas, o pouco cuidado que os órgãos governamentais costumam ter lidando com a cultura popular ao arbitrarem quais tradições merecem - sempre em prejuízo de outras - ser incentivadas para representar culturalmente uma determinada região. Da mesma forma, Ferretti denuncia os danos causados por muitos pesquisadores, que, como no caso exemplar das religiões afro-brasileiras, arbitram a maior pureza de tradição de uma determinada modalidade religiosa em detrimento de outras, contribuindo, desta forma, para o enfraquecimento, ou até o desaparecimento, de práticas religiosas populares, já que seus praticantes costumam ser influenciados pelo arbítrio dos pesquisadores letrados. Mas Ferretti, com isso, não está fazendo o discurso do preservacionismo radical e ingênuo, que vê com maus olhos qualquer mudança que ocorra no interior das tradições populares, está, sim, é questionando os danos causados por ingerências externas, que muitas vezes condenam ao desaparecimento de práticas centenárias. Ferretti faz, sim, a defesa da dinâmica própria das classes populares para se ajustarem às mudanças sociais, escolhendo, segundo seus próprios critérios, o que deve ou não modificar, o que deve ou não ser abandonado.

Após considerações desta ordem é que Ferretti passa, então, a se debruçar sobre o objeto privilegiado de seu livro: os caboclos. Utilizando-se de recursos, tais como, revisão bibliográfica, descrições etnográficas, análise de discurso, etc., a autora dedica quatro capítulos à tarefa de tentar desvendar as características do caboclo, suas funções, seus atributos, suas variações dentro das diversas modalidades e terreiros afro-brasileiros. O que resulta desta tarefa é um quadro bastante complexo de referências ao caboclo, que, isoladamente, pouco dizem, mas que, relacionadas entre si, produzem sentidos e imagens.

O que, deste quadro, mais impressiona é o fato do caboclo, apesar de ser um prestativo trabalhador para diversas demandas, possui, desenvolvido sobre si, um conhecimento pouco sistematizado, diferentemente dos vuduns e orixás do Tambor de Mina, e isso tanto dentro dos terreiros como entre os pesquisadores. Não bastasse isso, Ferretti depara-se com o processo de reafricanização, que também atinge os terreiros do Maranhão. Neste processo, que ali parece ser